

# Uma lição para a professora

Quando um aluno-problema fugiu da escola, Rachel Macy Stafford recebeu uma lição de vida fora da sala de aula

POR RACHEL MACY STAFFORD

● DO [handsfreemama.com](http://handsfreemama.com)

*Faltavam dois anos para eu me tornar mãe quando recebi a maior lição de como criar filhos. Essa informação não veio de um livro da lista dos mais vendidos do New York Times, de um pediatra famoso nem de um pai experiente. Veio de um menino de 10 anos, filho de mãe viciada em drogas, com um plano de educação individualizada que tinha tantas páginas quanto uma enciclopédia – um menino com cicatrizes permanentes no braço esquerdo por causa de uma surra com um fio elétrico quando tinha 3 anos. Kyle\* me ensinou a única coisa que eu realmente precisava saber sobre amar uma criança nas dificuldades da vida: estar presente.*

\*Nome trocado para proteger a privacidade.





**“Aprendi que posso dizer ‘Estou aqui’ sem pronunciar uma única palavra”, diz Rachel.**



**F**ora uma mudança difícil. Eu deixara a família e os amigos em Indiana, o estado querido onde tinha morado quase a vida inteira. Meu novo lar na Flórida ficava a milhares de quilômetros de tudo o que eu conhecia. Fazia muito calor o tempo todo. Era difícil arranjar emprego, mas eu estava disposta a qualquer desafio.

Aceitei o cargo de professora de alunos de 6 a 12 anos com graves dificuldades de aprendizagem e comportamento, que tinham passagem por várias escolas. Até então nenhum

se zangar em todas as outras escolas, em casa e até, certa vez, num centro de detenção juvenil. Fugiu.

A multidão de espectadores que se reunira durante a cena observou com descrença Kyle atravessar correndo o intenso tráfego matutino diante da escola.

Ouvi alguém gritar:

- Chamem a polícia!

Mas não consegui ficar ali parada. Corri atrás dele.

Kyle era pelo menos um palmo e meio mais alto que eu. E veloz. Os irmãos mais velhos eram astros na

**“Ninguém jamais correu atrás dele, Rachel”, disse ela. “Todos o deixam ir embora.”**

programa do distrito conseguira atender às suas necessidades.

Outra professora e eu tínhamos passado semanas ensinando às crianças o comportamento apropriado em público. Naquele dia específico, jogaríamos golfe em miniatura e almoçaríamos num restaurante. Milagrosamente, apenas alguns alunos, entre os quais Kyle, não tinham merecido o privilégio de ir. Ele estava decidido a fazer com que todos soubessem do seu desapontamento.

No corredor entre as salas de aula, Kyle começou a gritar, praguejar, cuspir e derrubar tudo o que estivesse ao seu alcance. Assim que a explosão passou, ele fez o que sempre fizera ao

pista de corrida da escola secundária vizinha. Mas eu calçara tênis para o passeio e era capaz de correr longas distâncias sem me cansar. Pelo menos conseguiria ficar de olho nele para ver se estava vivo.

Depois de vários quarteirões correndo no sentido contrário ao trânsito, Kyle desacelerou o ritmo. Embora ainda fosse cedo, o sol tropical atingia em cheio o asfalto negro.

Ele dobrou à esquerda e começou a andar por uma galeria de lojas dilapidada. Ao lado de um compactador de lixo, Kyle abaixou o corpo, as mãos nos joelhos. Ofegava para recuperar o fôlego quando me viu. Eu devia estar ridícula: a frente da blusa encharcada



de suor, o cabelo antes arrumado agora grudado no rosto corado como beterraba. Ele se levantou de repente como um animal assustado.

Mas o olhar não era de medo. Vi seu corpo relaxar. Ele não tentou correr de novo. Ficou ali parado e observou minha aproximação. Eu não fazia ideia do que diria ou faria, mas continuei chegando mais perto.

Nossos olhos não se desviaram e, do fundo do coração, enviei toda a minha compaixão e compreensão na direção dos seus olhos. Quando ele abriu a boca para falar, um carro de polícia parou de repente, preenchendo o espaço entre nós dois. O diretor da escola e um policial saíram do carro. Conversaram calmamente com Kyle, que entrou de boa vontade no banco de trás do veículo. Não consegui ouvir o que foi dito, mas não tirei os olhos do rosto de Kyle, nem quando eles se afastaram.

Não consegui deixar de sentir que falhara, que deveria ter feito ou dito mais, que deveria ter dado um jeito na situação.

Contei tudo o que senti a uma psicoterapeuta que conhecia bem a história de Kyle. “Ninguém jamais correu atrás dele, Rachel”, foi o que ela disse. “Ninguém. Todos o deixam ir embora.”

Kyle acabou voltando à escola, e logo notei que, quando podia escolher o professor com quem deveria trabalhar ou que precisaria acompanhá-lo em aulas especiais, ele me escolhia. Nas semanas seguintes, vivia colado em mim, obedecendo às instruções,

tentando fazer os deveres e, de vez em quando, até sorrindo. Para uma criança com problemas graves de ligação afetiva, era espantoso que estivesse desenvolvendo um vínculo comigo.

Certo dia, Kyle segurou a minha mão inesperadamente. Não era comum que um garoto da sua idade e do seu tamanho pegasse a mão da professora, mas eu sabia que devia me comportar como se fosse a coisa mais normal do mundo. Ele se inclinou para a frente e disse baixinho algo que nunca esquecerei. “Dona Rachel, amo a senhora”, sussurrou. “Eu nunca disse isso a ninguém.”

Parte de mim queria perguntar: “Por que eu?” Mas simplesmente apreciei o momento, uma mudança inimaginável para uma criança cuja ficha continha as seguintes palavras: “Incapaz de exprimir amor e de manter relações afetivas com outros seres humanos.”

A situação mudou no dia em que ele fugiu e corri atrás dele, embora eu não tivesse as palavras certas, nem tivesse conseguido salvá-lo da encrenca em que se metera. Foi o dia em que não desisti, em que decidi não pensar simplesmente que ele era rápido demais, que era perda de tempo e esforço, que era uma causa perdida. Foi o dia em que o mero estar presente bastou para fazer uma profunda diferença. ■

---

A escritora e palestrante Rachel Macy Stafford mora no Alabama, Estados Unidos, com o marido e as duas filhas.